

---

## ASPECTOS DO POEMA INFANTIL/JUVENIL

*Odette Penha COELHO<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo demonstrar, através de um estudo comparado de textos, como os valores estéticos devem inscrever-se no tecido do poema destinado à infância e à juventude, de forma que a literatura possa apresentar-se como campo propício para o exercício da recepção e iniciação à arte.

**Unitermos:** Discurso poético, poesia para a infância, recepção, ensino da literatura.

**N**a definição do poema infantil ou juvenil, avulta o receptor como elemento que a determina. Na verdade nenhuma outra criação artística expressa em verso investe em seu receptor de forma tão direta e flagran-te. Não obstante essa constatação, o investimento tem se processado de modo distinto, conforme a concepção que se tenha desse receptor. Quando entendido como criatura, sem peculiaridades específicas, o discurso poético faz-se lição, ensinamento ou doutrina, espaço, enfim, onde o adulto exerce, sem quaisquer concessões, nem para com a natureza da linguagem poética, o poder de um verbo exclusivista. É o que ocorre, por exemplo, com a seguinte composição de Olavo Bilac (1957, p. 19-20), da qual se transcreverá a seguinte passagem:

### As estrelas

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Câmpus de Bauru. 17033-000 - Assis - SP.

*Quando a noite cair, fica à janela,  
E contempla, o infinito firmamento!  
Vê que planície fulgurante e bela!  
Vê que deslumbramento!*

*Olha a primeira estrela que aparece  
Além, naquele ponto do horizonte...  
Brilha, trêmula e vívida... Parece  
Um farol sobre o píncaro do monte.*

(...)

*Surgem novas estrelas imprevistas...  
Inda outras mais despontam...  
Mas, acima das últimas que avistas,  
Há milhões e milhões que não se contam...*

*Baixa a fronte e medita:  
— Como, sendo tão grande na vaidade,  
Diante desta abóbada infinita  
É pequenina e fraca a humanidade.*

Nesse poema, verifica-se, em todo o seu desenvolver, a presença de uma voz dominadora que, pela função conativa, prescreve as ações a serem integralmente cumpridas pela criança, não deixando-lhe qualquer espaço para a reflexão ou para a atuação própria.

Quando, porém, o receptor é entendido como criatura com peculiaridades que lhe são próprias, o discurso poético faz-se, então, projeto sedutor, enquanto manifestação interessada na ex-pressão de suas potencialidades mais autênticas. Nesse caso, o leitor torna-se seu duplo. É nessa última vertente que se situarão as reflexões a seguir, não só por ser nela que se encontra a poesia referendada para o público infantil e juvenil, como também por representar a diretriz pela qual os professores devem conduzir-se no ensino do poema, na escola de 1º e 2º graus.

São os interesses e marcas psicológicas características à faixa etária, em que se situa a criança ou o jovem, que permitem definir a propriedade ou a impropriedade do poema, enquanto ato comunicativo. Assim, é preciso apreender o universo próprio da criança e do jovem, aqui, em suas linhas mais flagrantes, em decorrência dos limites impostos por esta comunicação, para poder-se definir o poema adequado a um e outro tipo de leitores.

Para isso, tomar-se-á, num primeiro momento, o universo da criança com o campo de interesse, para, em seguida, centralizar-se a atenção sobre o universo do jovem. Tanto naquele, como neste caso, a definição das particularidades dos respectivos universos será regido por um objetivo: o de estabelecer correlações com a linguagem poética responsável pela configuração ora do poema infantil, ora do poema juvenil.

O universo da criança é visceralmente mágico. Pela ação da fantasia, que responde a essa especificidade, é possível um mundo insólito sobrepor-se ao real, o pensamento lógico ser rompido, as certezas transformarem-se em dúvidas, instaurar-se o lúdico e abrir-se um espaço, em que nem sempre cabe a certeza de uma resposta. Na perscrutação dessas marcas próprias do mundo infantil, uma surpresa – a descoberta de uma homologia “sui generis”: o universo, em que se move a criança, apresenta pontos de contato com o universo, em que se move a linguagem da poesia. Com efeito a linguagem poética é mágica, insólita, ilógica, ambígua, lúdica e aberta. Assim, o percurso levantado na direção horizontal para a inscrição de marcas próprias do mundo infantil faz-se paralelo ao percurso levantado na inquirição de marcas pertinentes à linguagem poética.

### Esquematizando:

Universo da criança		Linguagem poética
Mágico	←————→	Mágica
Insólito	←————→	Insólita
Ilógico	←————→	Ilógica
Sem certezas	←————→	Ambígua
Lúdico	←————→	Lúdica
Sem resposta	←————→	Aberta

Conseqüentemente, ambos se identificam, na medida em que, em seu projeto de ser, insurgem, com igual intensidade, contra as mesmas barreiras: as impostas pelo real e pelo prosaico. Assim,

ambas circulam espontaneamente no terreno da singularização, destruindo toda e qualquer interferência pautada pelo automatismo.

Dentre as marcas definidoras do mundo da criança e do mundo da poesia, duas avultam pelo seu poder mais abrangente. Refere-se à notação mágica e à notação lúdica.

A primeira encontra-se na linguagem poética revertida em metáforas ou figuras afins, como a personificação. São elas que propiciam, em grande parte, o insólito e o ilógico. A esse intento, observe-se, a título de ilustração, o poema de Wania Amarante (1983), a seguir:

### **Lua cheia**

*Ontem teve festa no céu.  
Tinha brigadeiro  
pé de moleque  
doce de leite  
e pão de queijo!  
essa lua tão redonda  
brilha feliz.  
A pança cheia,  
comeu como quis.*

Nele, a lua cheia é apresentada sob uma perspectiva mágica. Há a transferência de eventos possíveis no mundo do real, para definir o estado da lua – a festa, a comilança e finalmente o resultado dessa comilança: a pança cheia. Como se vê, a enumeração desses fatos, situa-se no eixo da similaridade: sortilégios da linguagem que repercutem fundo na mente infantil.

A segunda notação, o lúdico, concretiza-se na linguagem poética pelo jogo dos fonemas. Vogais e consoantes conspiram, para agirem em harmonia e/ou em dissonância, para imitarem sons e ruídos do mundo ou simplesmente, para instaurarem no tecido do verso o ritmo e a musicalidade. Atente-se para a seguinte composição de Vinícius de Moraes (1980, p. 367):

## O relógio

*Passa, tempo, tic-tac*  
*Tic-tac, passa, hora*  
*Chega logo, tic-tac*  
*Tic-tac, e vai-te embora*  
*passa, tempo*  
*Bem depressa*  
*não atrasa*  
*Não demora*  
*Que já estou*  
*Muito cansado*  
*Já perdi*  
*Toda a alegria*  
*De fazer*  
*Meu tic-tac*  
*dia e noite*  
*Noite e dia*  
*Tic-tac*  
*Tic-tac*  
*Tic-tac...*

Nesses versos, as onomatopéias e o ritmo são responsáveis pela concretização do relógio, em sua manifestação mais perceptível à criança: a evocação da “voz” de um objeto. Aqui se deu relevo à linguagem poética, inscrita no poema infantil, como ponto de encontro da metáfora e do lúdico. Não obstante observe-se, nos próprios poemas transcritos, a presença de outras marcas comuns ao mundo infantil e à linguagem poética, tais como a ilogicidade, a ambigüidade e o final em aberto. São, pois, os poemas com essas marcas que se fazem desejados pela infância, já que são com eles que se identifica. Destarte, a escola e todos aqueles que trabalham com o poema infantil devem ter presentes que os mesmos só existem, só tem razão de ser para as crianças, quando fazem vibrar em seu tecido verbal notas coerentes com o universo de seus receptores.

Assim sendo, torna-se praticamente redundante dizer que, sob o prisma temático, interessa à criança poemas que tratem aspectos, situações ou objetos de seu mundo. É o caso, por exemplo, de *O grilo*

*grilado* encontrado, entre outros poemas, em páginas de *Um pouco de tudo*, de Elias José (1982) ou de *O vaga-lume*, poema de Amur Amâncio de Melo (1981, p. 49), quando cursava o 1º grau. Tanto *O grilo grilado*, quanto *O vaga-lume*, enquanto unidades temáticas vêm com o registro poético que lhe percorre o ser, incorporar ao mundo da criança uma nova experiência: a inaugurada pela mais alta forma de expressão artística.

Contudo, apesar de alargar horizontes pelas vivências inauditas que incorpora ao mundo do leitor-mirim e instaurar o encantamento nesse mundo, o poema infantil faz-se portador de um estigma. Examinemo-lo:

Sabe-se que toda a grande obra de arte interroga o homem em suas dimensões problemáticas, quer sejam elas de ordem existencial ou social. Esse terreno acha-se, porém, interdito ao poema infantil, em decorrência de sua própria natureza. No entanto, há uma esperança: essa barreira poderá ser transposta, quando, ao nível da linguagem poética, aparecer um artista que, com inteligência e sensibilidade, explore no poema problemas afins, porque pertencentes à criança, aos explorados por Lygia Bojunga Nunes, na narrativa.

Por outro lado, o universo dos jovens é dotado com marcas caracterizadoras de cunho diferenciado. Com essa afirmação, não se quer dizer que, em decorrência desse fato, seja o jovem insensível às marcas definidoras da linguagem poética aqui explorada em sua consonância com a natureza do mundo infantil.

Neste momento, impõe-se observar que, na poesia mais apropriada ao jovem leitor, as pulsações do poético devem fazer-se mais marcantes, isto é, serem portadores de motivações mais sérias. Assim, o lúdico, que atrai a criança, é imotivado, já que não ultrapassa, por exemplo, o nível sonoro. Sob esse aspecto, não tem sentido, quando presente num poema para jovens. Nele, o lúdico deverá ou constituir unidade coesa com o nível semântico ou funcionar como reforço do mesmo, tal qual ocorre na seguinte estrofe de *Salto no asfalto*, poema de Cassiano Ricardo (1968, p. 49):

*A Física do susto  
me altera o T*

*no eleTrocadiograma*

Como se vê, a presença do ‘T’ maiúsculo, atuando com força de teor óptico na estrofe, possibilita a percepção visual de natureza lúdica de uma pungente reação individual, posto que marcada pela ironia.

Da mesma forma, a magia não está silente no poema que atrai o jovem. Entretanto, na linha de seu verso, a projeção do eixo da similaridade não se limita ao mero encantamento, mas transforma-se em poder expressivo na manifestação de problemas atinentes ao homem. Observem-se os efeitos de cunho metafórico alcançados pelas seguintes estrofes de Wilson Pereira (1974, p. 24), jovem poeta mineiro:

**6 -**

*O tempo galopa  
acenando os dias  
e o homem vai na garupa  
gritando upa, upa.*

**7 -**

*O tempo se cansa  
e passa em trote  
leva o homem  
e sua sorte*

**8 -**

*o tempo pára  
e coloca uma flor  
na mão do homem.*

Apesar das sugestões lúdicas e/ou metafóricas que a linguagem do poema para jovens pode apresentar, não se encontram nelas as marcas mais salientes no aliciamento de seu interesse. Em tese, o jovem projeta-se, quer contra as convenções, quer contra o seu *status quo*. Daí, representar a ruptura, quer em sua dimensão formal, quer em sua dimensão ideológica, o traço, a ser preferencialmente fruído pelo jovem leitor. Nessa perspectiva, alinha-se, entre tantas

outras composições o *Sol (o) da liberdade*, de Reynaldo Valinho Alvarez (1981, p. 16), da qual se transcreverá as duas últimas estrofes:

(...)

*O sol da liberdade em raios  
o raio da liberdade  
que raio o da liberdade  
o raio de ação  
o raio de ação fulminante  
o raio fúlgido/fulminante  
o raio fool  
o raio full-time.*

*Liberdade meio dia  
ou liberdade full-time?*

Nelas, verso do Hino Nacional Brasileiro – “O sol da liberdade em raios fúlgidos” – vai, linha a linha, transformando-se, sob o crivo da paródia, numa nova realidade verbal – *liberdade meio dia / ou liberdade full-time?* – e numa inconfessável verdade: a assunção da consciência relativa à perda da soberania nacional.

Com referência aos temas, é preciso dizer que são privilegiados aqueles que mais se aproximam das experiências do jovem ou aqueles que apresentam o homem numa situação problemática, mas ao nível de sua compreensão. É o que ocorre, por exemplo, com “A bomba suja”, de Ferreira Gullar (1980, p. 218), do qual serão transcritas as seguintes estrofes:

### **A bomba suja**

(...)

*No dicionário a palavra  
é mera idéia abstrata.  
Mais que palavra, diarréia,  
é arma que fere e mata.*



*Que mata mais do que faca,  
mais que bala de fuzil,  
homem, mulher e criança  
no interior do Brasil.*

Nele, é centralizado um dos problemas mais dolorosos que aflige segmentos da sociedade brasileira: a fome. Problema apresentado de forma contundente, por partir de uma visão peculiaríssima, graças à expressividade do verbo poético.

\*

Em suma, na consideração dos aspectos apontados, quanto à natureza do poema infantil/juvenil, deu-se relevo ao receptor, já que nele o destinatário cumpre um papel marcado. Não destinatário entendido como mero receptáculo, a ser preenchido, conforme diretrizes prévia e intencionalmente programadas pelo adulto e, por via-de-regra, contrárias à própria essência do ser poético, mas ao destinatário com expectativas e exigências que lhe são peculiares à índole. No tecido do poema destinado à infância ou à juventude, devem inscrever-se, pois, valores característicos do universo de um ou de outro, para que se estabeleça corrente de vigorosa sintonia, a fim de que o poema, ao tornar-se o duplo de uma identidade, seja simultaneamente campo propício para a compreensão de verdadeira arte.

Só dessa forma o poema voltado para a infância ou para a juventude deixará de ser mero pretexto para lições de gramática ou de ampliação de vocabulário, ou ainda campo favorável para a imposição de normas de comportamento: meras formas de evasão da verdadeira natureza do poético, sob a falsa alegação de realização de alto mister.

Atender à natureza da linguagem poética, convertê-la em nova experiência a ser de fato revertida em prol da criança ou do jovem, na medida em que o poema deverá ser assumido, enquanto imaginário e enquanto poder encantatório emanado do registro poético, eis a missão a que deve propor-se aquele que é responsável pela formação

da infância e da juventude; eis o centro do alvo para o qual sempre esteve voltada, durante todo o seu percurso, a presente comunicação.

COELHO, Odette Penha. *Aspects of the infantile/juvenile poem*. INSTRUMENTO CRÍTICO. Vilhena, 1: 105-114, 1998.

**ABSTRACT:** This article tries to demonstrate, through a comparative study of texts, how a esthetic values must be inserted in the tissue of the poem dedicated to infancy and to youth, in such a way that literature may present itself as a suitable field for the practice of reception and the introduction to art.

**KEY-WORDS:** Poetic discourse; reception; teaching of literature.

### Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Reynaldo Valinho. **Solo e subsolo**. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1981, p. 16.
- AMARANTE, Wania. **Arco iris**. Ilustrações de Regina Coeli Rennó. Belo Horizonte, Miguilim, 1983.
- BILAC, Olavo. **Poesias infantis**. 20. ed. São Paulo, Francisco Alves, 1957, p. 19-20.
- GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. 1950-1980. Rio de Janeiro, Civiliza-ção Brasileira, 1980, p. 218.
- JOSÉ, Elias. **Um pouco de tudo**. De bichos, de gente, de flores. Ilustra-ções de Marcelo Cipis e Milton Cipis. São Paulo, Paulinas, 1982.
- MELO, Amur Amâncio. In. de **III Concurso Literário Infanto-Juvenil Vinícius de Moraes**. Uberaba, Prefeitura Municipal de Uberaba, 1981, p. 49.
- MORAES, Vinícius. **Poesia completa e prosa**. Ed. organizada por Afrânio Coutinho com assistência do autor. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1980, p. 367.
- PEREIRA, Wilson. **Escavações no tempo**. Ilustrações de Leila Pontes de Albuquerque Tamponi. Belo Horizonte, RMJ, 1974, p. 24.
- RICARDO, Cassiano. **Jeremias sem-chorar**. 2. ed. revista. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 49.